

# O Estado do Mundo (Quando Acordas)

Formiga Atómica

Este espectáculo propõe reflectir sobre o estado do mundo nas suas diversas componentes — natural, político, geográfico, social, histórico, económico e humano. Sendo o mundo um lugar de realidades tão díspares, em que geografias se centra? Isto é, sobre que realidades se debruça?

Neste espectáculo, mergulhamos em praticamente todos os continentes. Uma das características dos problemas globais é precisamente tocarmos o mundo inteiro. Estamos juntos, com vidas, geografias, sociedades e políticas muito diversas, com realidades por vezes muito injustas, num conjunto de relações que têm por base um sistema de extracção de recursos, de produção de bens e serviços que se confrontam num mesmo mercado internacional que potencia essa mesma injustiça. Debruçamo-nos por isso sobre realidades que conhecemos bem no mundo ocidental, mas também sobre realidades que nos são mais alheias: da Malásia, à Índia, dos EUA à Amazónia, de Angola ao Uzbequistão.

Uma vez que o público é convidado a repensar os seus comportamentos quotidianos, de que forma este espectáculo aborda a responsabilidade corporativa e política das empresas e dos Estados no estado do mundo?

Procuramos estabelecer um equilíbrio entre aquilo que são as nossas escolhas individuais, sobre as quais temos responsabilidade directa e aquilo que resulta de um sistema económico onde um conjunto de interesses dita aquilo que são as nossas escolhas. Não podemos simplesmente atirar a responsabilidade da crise climática para as escolhas individuais, mas por outro lado também não podemos demitir-nos de tomar parte naquilo que designamos como “o sistema”. As empresas produzem de determinada maneira porque têm consumidores que as alimentam. Se esses consumidores se tornarem mais conscientes, as empresas não terão outro remédio senão tornar-se também mais conscientes. Mesmo que não queiram. Os Estados são entidades que resultam de uma vontade colectiva. Se todos, colectivamente, elegermos a crise climática como o designio que deve orientar as nossas escolhas, então, o próprio Estado será a materialização desse desejo dos seus cidadãos. Cabe-nos a nós construir o caderno de encargos que desejamos ver cumprido pelas instituições públicas.

Como se desenvolveu o vosso processo de pesquisa e investigação?

O nosso processo de pesquisa desenvolveu-se ao longo dos últimos meses através de leituras, do visionamento de documentários e filmes de ficção, da pesquisa de artigos e consulta de informação sobre o tema da crise climática. Ouvimos relatos, visitámos lugares e conhecemos projectos que são bons exemplos de sustentabilidade. A partilha com a equipa de criação do espectáculo foi essencial para gerar discussão e debate. Assistimos também a várias apresentações sobre o tema por parte de activistas, nomeadamente do Henrique Frazão, um verdadeiro especialista na matéria e que é consultor do projecto.

Sendo este um tema tão complexo, como escolheram abordá-lo em cena para um público maioritariamente de crianças?

Curiosamente, o tema da crise climática tornou-se objecto do olhar atento do mundo, quando uma jovem rapariga decidiu elegê-lo como o combate da sua vida e da vida das pessoas da sua geração. ¶ A Formiga Atómica procura reflectir sobre temas contemporâneos e entende que o público, qualquer que ele seja, tem a capacidade e a legitimidade para pensar sobre eles. O facto de este projecto se destinar a pessoas a partir dos 6 anos não limita o tema que escolhemos. Esse facto condiciona a forma como construímos o espectáculo e a linguagem que adoptamos. Nesse sentido, procuramos usar linguagem acessível e criar pontos de referência para as crianças que vêem o nosso trabalho. Utilizamos objectos de pequena escala, que se assemelham a brinquedos e recorremos à fabricação visível de efeitos, como um jogo de crianças. O prazer que temos em fazer teatro é como o prazer de brincar. ¶ Este espectáculo faz parte de um díptico em que nos desafiamos a pensar num mesmo tema em duas vertentes e para dois públicos-alvo distintos: se este primeiro Estado do Mundo se destina às crianças, num modelo de pequena escala, em breve começaremos a trabalhar na construção de um espectáculo de grande porte para público adulto. O tema é o mesmo, a frontalidade com que o abordaremos também, assim como o grau de rigor e exigência, seja para crianças ou para adultos.

This show asks us to reflect on the state of the world in its several components — natural, political, geographic, social, historic, economic and human. The world being a place of such disparate realities, which geographies do you focus on? That is, which realities do you focus on?

With this show, we dove into practically all the continents. One of the characteristics of global problems is precisely the fact that they touch the entire world. We are together, with very diverse lives, geographies, societies and politics, and often with very unjust realities, in a series of relationships based on the extraction of resources, of the production of goods and services that confront each other on the same international market, which enables this same injustice. Therefore, we focus on the realities we know well in the Western world, but also on realities that are foreign to us: Malaysia, India, the USA to the Amazon, Angola to Uzbekistan.

Since the public is invited to rethink its day to day behaviours, in what way does this show approach the corporate and political responsibility of companies and States for the state of the world?

We try to establish a balance between our individual choices, over which we have direct responsibility, and that which results from an economic system in which a set of interests dictates our choices. We can't simply place the responsibility for the climate crisis on individual choices but, on the other hand, we also can't resign from taking part in what we call the “system”. Businesses produce in certain ways because they have consumers who sustain them. If those consumers become more conscious, companies won't have a choice but to also become more conscious, even if they don't want to. States are entities which result from a collective will. If everyone, collectively, designates the climate crisis as what should orient our choices, then the State itself will be the embodiment of its citizens' desire. It is up to us to write the task list of what we wish to see accomplished by our public institutions.

How did your process of research and investigation develop?

Our research process developed over the last few months through readings, watching documentaries and fiction films, researching articles and consulting information on the topic of the climate crisis. We listened to reports, visited places and learned about projects that are good examples of sustainability. Sharing with the creative team of the show was essential for generating discussion and debate. We also went to several presentations on the topic by activists, namely Henrique Frazão, a true specialist on the matter, who is a consultant for the project.

Because this is such a complex topic, how did you choose to approach it on the stage for an audience of mostly children?

Curiously, the topic of the climate crisis became the object of the world's attentive gaze when a young girl decided to choose it as her life's battle and that of her generation. ¶ Formiga Atómica tries to reflect on contemporary topics and understands that the public, whoever they are, has the ability and legitimacy to also reflect on them. The fact that this project is aimed at people from the age of 6 onward, does not limit the topic we chose. That fact determines the way we construct the show and the language we adopt. Therefore, we attempt to use accessible language and create points of reference for the children who watch our show. We use small-scale objects, similar to toys, and we use the visible fabrication of effects, like a children's game. The pleasure we derive from making theatre is like the pleasure of playing. ¶ This show is part of a diptych in which we challenge ourselves to think about the same topic in two different ways and for two distinct target audiences: Though this first State of the World is aimed at children, on a small-scale, we will soon begin working on building a large-scale show for adults. The topic is the same, the directness with which we approach it is also the same, as is the degree of rigour and exigence, whether it is for children or adults.

## Formiga Atómica

Companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espectáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam. Entre as suas criações destacam-se A Caminhada dos Elefantes (2013), The Wall (2015), A Visita Escocesa (2016), Do Bosque para o Mundo (2016), Montanha-Russa (2018) e Fake (2020). A companhia circula regularmente por território nacional e internacional, tendo concebido versões francesas de dois dos seus espectáculos, La Marche des Eléphants (2016) e Au-Delà de la Forêt, Le Monde (2017, espectáculo de abertura do Festival de Avignon 2018). O espectáculo A Caminhada dos Elefantes circula também, desde 2020, nas suas versões alemã (Die Wanderung der Elefanten) e espanhola (La caminata de los elefantes).

## Formiga Atómica

Theatre company, founded and directed by Miguel Fragata and Inês Barahona. Their creations are drawn from contemporary issues and are destined to all audiences. Their shows are usually preceded by research periods motivated by the question and/or audience they are approaching. Amongst their creations one can highlight A Caminhada dos Elefantes/The March of the Elephants (2013), The Wall (2015), A Visita Escocesa/The Scottish View (2016), Do Bosque para o Mundo/From the woods to the world (2016), Montanha-Russa/Rollercoaster (2018) and Fake (2020). The company usually circulates in Portuguese territory, but also French, Belgian, German and Spanish, having had conceived French versions of two of their shows, La Marche des Eléphants (2016) and Au-Delà de la Forêt, Le Monde (opening show for the Avignon Festival, 2018). Since 2020, A Caminhada dos Elefantes tours also in its German (Die Wanderung der Elefanten) and Spanish (La caminata de los elefantes) versions.

Encenação / Direction Miguel Fragata Texto / Text Inês Barahona e Miguel Fragata Interpretação / Interpretation Edi Gaspar Cenografia / Scenography Eric da Costa Figurinos / Costumes José António Tenente  
Música Original / Original Music Fernando Mota Desenho de luz / Light Design José Álvaro Correia Vídeo / Video João Gambino Consultoria / Consultancy Henrique Frazão Direcção técnica / Technical direction Renato Marinho  
Produção / Production Ana Lobato e/and Luna Rebelo / Formiga Atómica Co-produção / Co-production LU.CA – Teatro Luís de Camões, Comédias do Minho, Materiais Diversos e Théâtre de la Ville. A Formiga Atómica é uma estrutura apoiada pelo / structure supported by Ministério da Cultura | Direcção-Geral das Artes